

Comunicação na Cidade: um mapeamento da arte urbana-vagalume em Fortaleza¹

David COSTA²
Alessandra ARAÚJO³
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente artigo aborda as manifestações de arte urbana presentes em Fortaleza que façam referência à luta de algumas minorias dentro da cidade. O objetivo é entender como a cidade de Fortaleza se comporta como campo de comunicação para minorias invisíveis no espaço urbano, compreender como estes escritos e imagens funcionam como arma de resistência dentro de uma arte clandestina e pensar a relação corpo-cidade. A metodologia usada no desenvolvimento deste trabalho foi o mapeamento fotográfico da arte urbana em determinados pontos da cidade, o conceito de *corpo utópico* de Michel Foucault, e a resistência abordada em viés diferentes, por Didi-Huberman e Maturano e Varela.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; comunicação; corpo; vagalume; autopoiese.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é abordar alguns grafites e pichações presentes em determinados pontos da cidade de Fortaleza que referenciem lutas de minorias oprimidas. É necessário compreender como esta arte urbana se porta como campo de comunicação para pessoas que não têm voz dentro da cidade. Na metodologia da pesquisa, a análise de imagens feita por Fabrício Silveira em *Uma Cidade em Quadro Clínico* (2006, p. 104) foi tomada como base, assim como o entendimento do “espaço urbano como espaço semiótico”. Para isto, registros fotográficos foram feitos em determinados pontos da cidade, conhecidos por serem boêmios, com grande atividade cultural e frequentados por pessoas de diversas classes sociais. Os pontos escolhidos foram o bairro Benfica e os entornos do Dragão do Mar, regiões que abrigam uma grande quantidade de arte urbana em seus muros.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

²Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFOR, email:davincost@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Coordenadora do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFOR, email:alessandraoliveira@unifor.br

Para a compreensão destes registros na cidade, os conceitos apresentados em Michel Foucault (2013), Georges Didi-Huberman (2011) e Maturana e Varela (1995) servem de base para o entendimento da relação entre o corpo e a cidade e as produções que podem surgir à partir desta conexão. Este trabalho foi feito dentro do grupo de pesquisa JUCOM – Jornadas Urbanas e Comunicacionais, e por isto, leva também referências de outros autores estudados dentro do grupo.

Primeiramente, os conceitos referentes ao corpo serão apresentados, assim como a relação deste objeto com outros corpos e com o espaço urbano. Depois, o artigo faz uma breve explanação da cidade de Fortaleza como um local pouco propício para a vivência de minorias, e posteriormente, alguns registros fotográficos das pichações e grafites são analisadas como meio empoderador. A última parte do trabalho trata de concluir as discussões.

2 O Corpo e a Cidade

Para Michel Foucault (2013), o corpo é nossa primeira referência para o mundo. Por meio dele, observamos o que está ao nosso redor, percebemos o espaço em que vivemos. É nosso primeiro instrumento de ação, de fala, audição e produção. É nosso “ponto zero do mundo”, como diz o filósofo. Partindo deste preceito, podemos afirmar que o corpo é o local de onde partem nossas possibilidades e subjetividades. Estas são produções incessantes criadas a partir do encontro entre pessoas e os ambientes que as rodeiam, como explica Mansano (2009) à partir dos conceitos de Félix Guattari. Portanto, o corpo é a zona primeira de onde surgem nossas utopias. O corpo é plural.

O corpo enquanto estático, é *topia*; dele, nada nasce. Mas, quando posto à mudanças, ele se torna *utópico*. É o corpo das probabilidades. As utopias que podem nascer destas transformações são as epítomes que os corpos podem atingir, e quando atingidas, mudam novamente. De um corpo, surgem outros corpos, que na verdade ainda são o mesmo.

O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar,

mas é dele que saem e irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (FOUCAULT, 2013, p.14)

Portanto, é necessário salientar que o corpo, apesar de produzir subjetividades, é também subjetivo. As utopias criadas pelo corpo nunca são totalmente realizadas, isto é, não se tornam completamente concretizadas. Logo, se transformam em outras utopias, constituindo um ciclo eterno de probabilidades e subjetividades. Assim, o corpo é algo para além do concreto. Ele é real, mas também ligado ao virtual, visto que é rodeado por outros fatores que são recursos para a produção de tais subjetividades. Dentre estes fatores, este artigo destaca dois que serão tratados no decorrer do texto: os outros corpos e a cidade.

2.1 O Corpo e os Outros Corpos

Para Richard Senett (1994), as conexões entre estes corpos formam as reações humanas e o modo como eles se percebem. Há ainda a relação dos nossos corpos com os outros que produzimos, as utopias criadas por nós mesmos. Aqui, eles mudam, se transformam em corpos inteiramente novos, mas ainda iguais em suas estruturas. Se modificam para que sejam, mais uma vez, alterados, criando versões novas deles mesmos. O corpo é mutável, logo está a todo tempo produzindo novas possibilidades e subjetividades à partir destas relações.

2.2 Corpo-cidade

A segunda relação se dá entre o corpo e a cidade. A pele humana é apenas uma fronteira biológica que separa o corpo do mundo exterior, ela não torna o corpo impenetrável dos estímulos que ele pode receber. Portanto, corpo e cidade se misturam, produzindo subjetividades e transformando vivências.

Terreno, piso, chão: convite – aparentemente inevitável – ao deslocamento do corpo; depositário de passos e vestígios; superfície de inscrições feitas de cultura. O corpo: anúncio de movimento; detonador de ações e memórias; dentro-fora; interno-externo; inexaurível. A vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaçomovimento,afeto-ação. A cidade-terreno é a cidade no nível da rua, produzida por corpos e movimentos, do que está sendo feito da vida urbana. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive

por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo (HISSA; NOGUEIRA, pág. 56, 2013)

A cidade constitui o espaço por onde os corpos transitam e se encontram com os outros corpos e as diferentes cidades que existem dentro de uma. Todos os limites e fronteiras constituídos entre estes dois objetos - corpo e cidade - são porosos e eles não possuem caráter limitado, pelo contrário, são “espaços entre dois” onde as potências subjetivadoras e utópicas ganham capacidade de agir. Estas misturas são heterogêneas, transitórias e instáveis. As utopias nunca permanecem a mesma coisa por muito tempo. Sua infinitude de probabilidade permite novos arranjos a toda hora, compondo novas camadas e multiplicidades.

Na cidade, misturamo-nos sempre – mesmo quando não há desejo de mistura –, desenhando, com nossa heterogeneidade, uma configuração plural e cambiante. Híbrida e contraditória. Antagonismos diversos se inscrevem no corpo da cidade, justamente onde o conflito se pronuncia de maneira mais ou menos ruidosa (HISSA; NOGUEIRA, pág. 58, 2013)

Segundo Foucault (2013), as próprias utopias podem ser construídas pelo corpo e podem ser manifestadas de forma concreta na cidade e em seus espaços. Quando constituídas de fato, estas utopias se tornam essenciais para a criação de outras novas utopias. A cidade deve oferecer e absorver todos os recursos necessários para que seja agente de transformação e para que também seja transformada. Ou seja, a cidade-corpo é *autopoética*. Este conceito, primeiro cunhado por Maturana e Varela (1995), e depois adaptado por Guattari (1992), propõe que os sistemas são autônomos e dependentes ao mesmo tempo, ou seja, precisam de recursos exteriores para causarem mudanças em suas organizações. Maturana e Varela (1996 apud MARIOTTI 1999, p. 01) usaram tal definição sob uma perspectiva biológica, afirmando que a autopoiese é o “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”. São máquinas que produzem a si próprias, e as produções nunca são iguais umas das outras.

Humberto Mariotti (1999, p. 02) explica que percebemos o mundo à partir de vivências múltiplas. À partir disto, construímos nossas realidades e nossa “visão de mundo”, para o autor “se a realidade que percebemos depende da nossa estrutura - que é individual -, existem tantas realidades quantas pessoas percebedoras”. Portanto, é possível estabelecer um paralelo entre as utopias de Foucault (2013). O sistema cidade-corpo é *autopoético* e utópico. É potência auto-transformadora.

Este sistema pode ser explicado através de outro conceito sugerido por Maturana e Varela e abordado também por Mariotti. O *acoplamento estrutural* acontece quando o meio se une ao sistema principal e produz mudanças nele, e este, por sua vez, também age sobre o meio, causando alterações. Esta relação acontece de forma circular. Podemos trazer tal fenômeno para o contexto do sistema cidade-corpo, onde os dois objetos se transformam, mas são essenciais para o outro.

Mesmo sabendo que cada sistema vivo é determinado a partir de sua estrutura interna, é importante entender que quando um sistema está em acoplamento com outro, num dado momento dessa interrelação a conduta de um é sempre fonte de respostas compensatórias por parte do outro. Trata-se, pois, de eventos transacionais e recorrentes. Sempre que um sistema influencia outro, este passa por uma mudança de estrutura, por uma deformação. Ao replicar, o influenciado dá ao primeiro uma interpretação de como percebeu essa deformação. Estabelece-se por tanto um diálogo. Por outras palavras, forma-se um contexto consensual, no qual os organismos acoplados interagem. Esse interagir é um domínio linguístico (MARIOTTI, pág. 3, 1999)

Para Guattari, estas transformações sofridas pelo sistema “corpo” correspondem às produções de subjetividade. São subjetivações artificiais, industriais e de origem capitalista. Neste sentido, a *autopoiese* pode causar transformações autênticas, indo de encontro às subjetivações artificiais de Guattari. O contexto proposto pelo autor abre-se para um viés voltado para a sociedade, desprendendo-se da perspectiva biológica de Maturano e Varela. Esta aplicação é mais apropriada para o sistema cidade-corpo, onde as alterações são, de fato, artificiais, contudo, não deixam de serem autênticas.

Para que as subjetividades e utopias possam ser produzidas, as cidades e demais espaços devem ser propícios para que isto aconteça - os corpos devem ter a chance e os recursos para que sejam autoprodutivos. Foucault chama de *contraespaços* os locais onde as utopias não crescem - estes lugares são denominados como *heterotopias*.

Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços (FOUCAULT, p. 19 e 20, 2013)

Os contraespaços ou heterotopias constituem os espaços-outros que não pertencem à dinâmica dos espaços padronizados da sociedade. Os manicômios, cemitérios, prisões, asilos

e outras instituições são estes locais destinados às pessoas cuja *autopoiese* lhes foi impedida. A heterotopia seria, então, o local para a pessoa cuja *autopoiese* e utopia lhe foram negadas.

No entanto, novas produções podem acabar se manifestando nestes locais. Os corpos, como estruturas *autopoiéticas*, e portanto, autônomas, são capazes de se reconfigurarem e formarem novos sistemas nos espaços onde estão. Novos acoplamentos estruturais são criados - e portanto, uma nova inter-relação circular nascerá, desenvolvendo novas subjetividades e utopias.

3 Fortaleza e as Heterotopias

Georges Didi-Huberman (2011), afirma que “vagalumes” são seres que desapareceram ao longo do tempo e tiveram suas luzes apagadas ou ofuscadas pelos “ferozes projetores” da vida moderna. Estes vagalumes emitem uma luz “intermitente, intensa e frágil”, ou seja, brilham de forma irregular e logo se apagam. Sobrevivem na noite e fogem de “luzes artificiais”. Contudo, ele contesta este desaparecimento, levantando questões à respeito da sobrevivência destes seres.

Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? Emitem ainda - mas de onde? – seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes? (DIDI-HUBERMAN, p. 45, 2011)

Os vagalumes podem ser as resistências – quer sejam pessoas, coisas, instituições, etc. – que insistem perdurar no mundo moderno, mesmo que não possuam recursos para tal. Seriam então os vagalumes frutos da *autopoiese* e das heterotopias? Seriam então os vagalumes as próprias utopias que nascem da forma mais clandestina possível e transcendem os corpos?

Estes vagalumes podem ser manifestados de diversas formas, como visto na cidade de Fortaleza. No dia 8 de abril de 2016⁴, uma manifestação denominada “Beijaço” aconteceu no Shopping Benfica, do bairro Benfica. O protesto se deu por conta de uma represália sofrida por estudantes homossexuais que trocaram afetos e beijos no local. Na ocasião, diversos

⁴ Disponível em: <<http://bairrobenfica.blogspot.com.br/p/o-bairro.html>>. Acesso em: maio, 2016.

jovens da comunidade LGBT se reuniram no shopping para performar um coletivo de beijos que, normalmente atrairiam retaliações dos frequentadores e funcionários do local. Em questão de poucos meses, outros dois “Beijaços” foram organizados e sediados também no bairro Benfica.

O Benfica, assim como a cidade de Fortaleza, ainda reflete o histórico de machismo e opressão com outras minorias. Até 2013⁵, as denúncias de homofobia no Ceará haviam crescido em 126%, no ano de 2012, 143 violações dos direitos humanos foram registradas no estado, com discriminação e violência sexual entre as denúncias. Segundo o Grupo Asa Branca (Grab), as investigações destes casos ainda são precárias e as forças conservadoras na gestão de políticas públicas do Ceará ainda barram as pautas LGBTs.

Além disso, as violências referentes às mulheres e à população trans crescem cada vez mais. O Brasil é considerado o país mais perigoso para uma mulher viajar sozinha, é também o país que mais mata transexuais e travestis no mundo⁶, tendo em 2015, mais de 70 assassinatos registrados. Em 2014⁷, 264 feminicídios foram registrados no Ceará e no ano seguinte, mais de seis mil casos de violência contra a mulher foram documentados.

Fortaleza se torna, então, um local de diversas heterotopias. Enquanto a cidade nega e dificulta a existência de diversas minorias ligadas a gênero, orientação sexual e raça, outros pontos clandestinos surgem na metrópole, permitindo a vivência destas pessoas. As heterotopias criadas à partir do machismo, racismo e LGBTfobia presentes na cidade fazem nascer resistência e novas utopias. A autopoiese destas pessoas, antes negada, é produzida novamente nestes contraespaços.

Estas heterotopias permitiram uma *autopoiese* manifestada à partir de uma comunicação clandestina e marginal: a arte urbana. Esta é vagalume, pois faz parte de uma resistência dentro da cidade e denuncia nos muros o que é invisível para grande parte do espaço urbano. Aqui as pichações, grafites, *stencils* e lambe-lambes se comportam como um meio de comunicação capaz de dar voz às pessoas que ficam à margem da população, seja

⁵ Disponível em: <<http://www.uece.br/labvida/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/465-denuncia-de-homofobia-cresce-126-no-ceara>>. Acesso em: maio, 2016.

⁶ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/adolescente-denuncia-episodio-de-transfobia-durante-alistamento-militar-em-sp/>>. Acesso em: maio, 2016.

⁷ Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/geral/violencia-contra-mulher-ultrapassa-6-mil-casos>>. Acesso em: maio, 2016.

por questões raciais, de gênero ou sociais. Esta comunicação permite que estas pessoas atinjam sua utopia, ela é fruto da *autopoiese*.

4 Mapeamento

Pensando nos conceitos de Foucault (2013), Didi-Huberman (2011) e Maturana e Varela (1995), um mapeamento de pichações em muros foi feito na cidade. O bairro Benfica e a região do Dragão do Mar foram escolhidos por serem locais com alta atividade de arte urbana, contendo pichações, grafites, dentre outros. Estes locais também são conhecidos por serem frequentemente visitados por pessoas pertencentes às minorias raciais, sociais e de gênero.

Para a metodologia, a análise de muros pichados feita por Silveira (2006) foi utilizada, onde procura-se entender o espaço citadino como um espaço propício para a comunicação, manifestada de diversas formas. Nesta pesquisa, o objetivo é saber se os muros de Fortaleza, mais especificamente dos locais citados, são espaços onde determinadas pessoas podem se expressar, mesmo que de forma clandestina. Foram feitos 26 registros fotográficos, dos quais seis foram escolhidos para a análise.

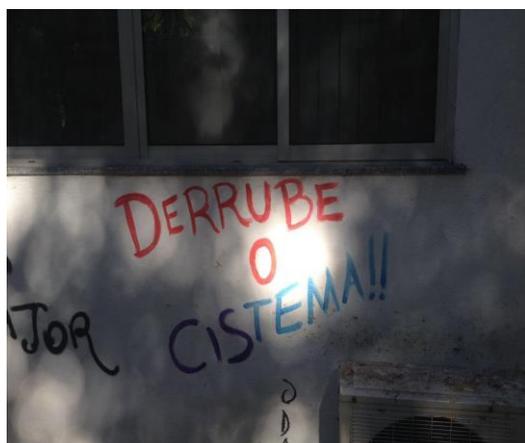
Os três primeiros exemplos se encontram no bairro Benfica, nos entornos da Universidade Federal do Ceará e da Praça da Gentilândia. Estes três fazem referências mais explícitas aos movimentos LGBT e Transfeminista. Uma relação pode ser estabelecida entre as duas primeiras imagens e às heterotopias delegadas à população transexual. Em uma cidade onde a voz destas pessoas é constantemente retirada, os muros servem como meio de expressão. Na terceira imagem, a referência a um amor “sem cor, sem gênero e sem rótulos” estabelece uma conexão com os corpos utópicos propostos por Foucault (2013), livres de qualquer padrão estabelecido.

Figura 1



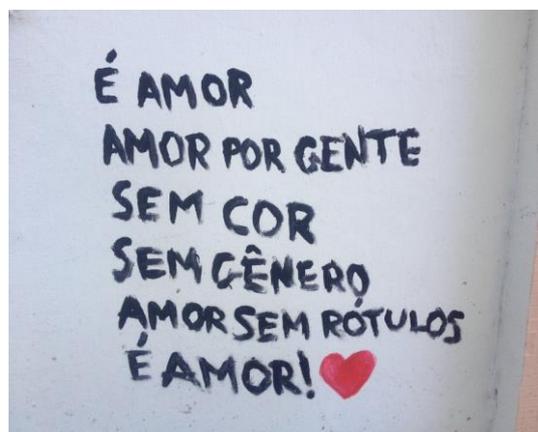
Fonte: Imagem Autoral

Figura 2



Fonte: Imagem Autoral

Figura 3



Fonte: Imagem Autoral

Os três últimos exemplos se encontram no Dragão do Mar e arredores e fazem alusões mais específicas ao empoderamento das mulheres, à ocupação destas nas ruas e ao movimento das mulheres negras. As pichações constituem vagalumes que dão visibilidade à estas mulheres e às suas lutas. Por meio desta comunicação nos muros, a *autopoiese* destas mulheres se torna ativa e suas utopias podem ser produzidas. Mesmo submetidas à padrões estéticos e sistemas opressores, elas se apropriam dos muros e das ruas, se tornando organismos independentes e autônomos.

Figura 4



Fonte: Imagem Autoral

Figura 5



Fonte: Imagem Autoral

Figura 6



Fonte: Imagem Autoral

6 Considerações Finais

Por meio desta pesquisa, é possível perceber como a cidade de Fortaleza é um espaço que não permite que certos corpos possam ser utópicos. Estes corpos correspondem aos corpos das minorias de gênero, orientação sexual e raça e, devido a isto, são relegados às heterotopias – os lugares onde as utopias não nascem. À partir disto, pode ser estabelecida uma relação entre estes conceitos e a autopoiese proposta por Maturano e Varela (1995), fenômeno que pode ser impedido por heterotopias citadinas, mas também pode causar efeitos contrários.

É possível perceber que as heterotopias também pode ser locais propícios para o surgimento das utopias e da autopoiese. Estas podem nascer de forma resistente e se manifestar de diferentes formas. O conceito dos vagalumes de Didi-Huberman (2011) ajuda a entender como estas resistências surgem e como elas ajudam a dar visibilidade para as minorias apagadas. As pichações registradas no Benfica e Dragão do Mar são vagalumes de pessoas que tiveram sua autopoiese impedida e, mesmo assim, encontraram formas de se tornarem corpos utópicos, através de uma comunicação clandestina.

Esta pesquisa terá continuidade e resultará em outro artigo, tendo como questão principal a forma como os transeuntes são interpelados por estes escritos nas ruas. Serão feitas entrevistas com pessoas pertencentes às minorias citadas aqui, para uma melhor compreensão sobre como esta arte urbana funciona como arma de empoderamento.

Referências Bibliográficas

Catraca Livre. Disponível em:
<<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/adolescente-denuncia-episodio-de-transfobia-durante-alistamento-militar-em-sp/>>. Acesso em: maio, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vagalumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. São Paulo: Editora N-1 Edições, 2013

HISSA, Cássio; NOGUEIRA, Maria Luísa. Cidade-corpo. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 55-77, jan/jun. 2013.

MANSANO, Sonia Regina. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, cultura e sociedade**. 1999. Disponível em:
<<http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>>. Acesso em: maio, 2016.

MATURANA, Humberto. VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Campinas: Editora Psy, 1995.

O Estado CE. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/geral/violencia-contra-mulher-ultrapassa-6-mil-casos>>. Acesso em: maio, 2016.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SILVEIRA, Fabrício. Uma cidade em quadro clínico. Aproximações teórico-metodológicas em torno da noção de inconsciente ótico. **Revista Fronteiras**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 93-116, 2006.

Universidade Estadual do Ceará. Disponível em:
<<http://www.uece.br/labvida/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/465-denuncia-de-homofobia-cresce-126-no-ceara>> . Acesso em: maio, 2016.